



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

XI Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais - CONLAB
Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de Agosto de 2011 / Universidade Federal da Bahia (UFBA)

‘TODOS’ NA MOURARIA?

DIVERSIDADES, DESIGUALDADES E DIFERENÇAS ENTRE OS QUE VÊM VER O BAIRRO, NELE VIVEM E NELE QUEREM VIVER¹

Marluci Menezes

Núcleo de Ecologia Social (NESO) do Laboratório Nacional de Engenharia Civil

marluci@lnec.pt

1. Devires de um bairro lisboeta que é um *bocadinho* de tudo

A Mouraria é um bairro representativo de uma Lisboa popular, patrimonial e ‘multicultural’, que experiencia uma condição urbana atravessada por inúmeras contrariedades e heterogeneidades: envelhecimento da população a par da renovação trazida com os imigrantes, degradação e precariedade das condições de habitabilidade, comércio formal/informal, tráfico e consumo de drogas, prostituição, sendo também um bairro expressivo de ‘cultura’ e ‘diversidade’.

Mouraria é o lugar para onde foram aos mouros que não saíram da cidade com a Reconquista Cristã (1147). Situada num ‘vale de vencidos’ cresceu de costas viradas para uma cidade que se foi virando para o Rio Tejo, em busca de conquistas de além-mar. Geograficamente próxima do centro do poder, alargou a sua influência à margem deste mesmo centro, transpondo séculos de história à margem dos elogios, para finalmente ser inventada, algures no século XIX, como bairro típico e tradicional, dando assim lugar a um processo de “emblemática” (Cordeiro, 1995).

Recordada, lembrada, descrita e visionada através de imagens que mencionam a sua pobreza, miséria e degradação, a sua sina desordeira e triste ecoa através das suas casas arruinadas e sobrepostas num entrelaçar de ruas tortas cheias de vida e agitação,

¹ Este trabalho foi desenvolvido no âmbito do projecto “Sistemas construídos: memórias, práticas sociais e ambiências urbanas” presentemente em curso no Núcleo de Ecologia Social (NESO) do Laboratório Nacional de Engenharia Civil (LNEC) e enquadrado no Plano de Investigação Programada para 2009-2012 (PIP) deste Laboratório.



símbolo “de uma Lisboa típica, de prostituição e crimes fadistas” (Salgueiro e Garcia; in Cordeiro, 1995: 166).

Objecto de um pretenso urbanismo ‘civilizador’ sobreviveu, embora debilitadamente, as demolidoras acções perpetradas entre os anos 30 e 60 – período do Estado Novo –, para finalmente, desde meados de 1980, constituir-se como “objecto de reabilitação urbana” (Costa e Ribeiro, 1989). Na reconstrução social da realidade simbólica e imaginária do lugar Mouraria, denominações como bairro histórico e patrimonial tornam-se recorrentes.

Para a reconfiguração social da realidade simbólica do bairro terá ainda contribuído a instalação – desde 1970 – no bairro e redondezas, de um comércio de revenda maioritariamente controlado por imigrantes – indianos, chineses, paquistaneses, nepaleses, brasileiros, africanos, entre outros. Este fenómeno contribuiu para a consolidação de uma Mouraria multiétnica e multicultural, onde se cruzam pessoas, práticas, músicas, artefactos, roupas e comidas diferentes, que primam por uma certa diferença social e cultural. Uma realidade, inclusivamente, reivindicada como também fazendo parte do património local, designadamente medieval: quando do convívio entre mouros (muçulmanos), cristãos e gentes que vinham de toda parte para usufruir do pujante comércio que ali se desenvolvia.

2. Questões da reflexão

As questões discutidas nesta reflexão apontam, em parte, para a importância que a *cultura* assumiu nos processos contemporâneos de intervenção urbana², sobretudo no que respeita aos programas e projectos iniciados pelo prefixo ‘re’ – reabilitar, revitalizar, reconverter, regenerar, requalificar, reanimar³.

A *cultura* como instrumento de reabilitação e revitalização urbana tem permitido a invenção de um conjunto de terminologias – “intervenções urbano-culturais” (Kara José, 2007), “urbanismo cenográfico” (Lacarrieu et al., 2006), “culturalização do planeamento e da cidade” (Vaz, 2004), entre outras – que, em síntese, remetem para a

² Esta questão tem sido muito discutida no âmbito de uma reflexão crítica sobre a cidade e as lógicas de intervenção urbana da actualidade, repercutindo-se numa variedade de trabalhos deveras interessantes e importantes na produção das Ciências Sociais e Humanas, sobretudo, desde 1990.

³ Mais recentemente emerge um outro vocábulo também iniciado por ‘re’: re-desenvolvimento urbano. Conforme referido por Kara José (2007:244), esta noção “deve ser entendida como superação da degradação do espaço com vistas à sua revalorização económica”.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

XI Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais - CONLAB
Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de Agosto de 2011 / Universidade Federal da Bahia (UFBA)

ideia de *estetização* dos processos de intervenção, como para a invenção de uma variedade de concepções de cidade-criativa ou de cidade-evento. Aqui, é evocativa a ideia da criação de uma “indústria do imaginário”, onde a *cultura* insurge-se contra os conflitos e a segregação, promovendo uma cidadania contemplativa e politicamente esvaziada (Lacarrieu et al., 2006). O que, em outras palavras, revela uma significativa alteração do papel da *cultura* no âmbito da relação entre património, cidadania, políticas de intervenção e cidade.

Um outro conjunto de questões com expressão nesta reflexão remete para o papel que o espaço público urbano tem assumido no implementar das “intervensões urbano-culturais”, já que, como referido por Kara José, buscam uma “certa atmosfera de sofisticação cultural” que alteram de modo expressivo:

“(…) a imagem de áreas anteriormente ‘escondidas’ por usos considerados menos nobres, como comércio e habitação popular. A outra face da mesma moeda é velar com esta atmosfera a troca programada de grupos sociais. A revitalização ou requalificação do espaço público assume então significados supostamente diferentes, mas complementares. Se por um lado aparece em discursos imbuídos com a ideia de modernização do espaço público e valorização cultural, por outro lado, significa a exclusão daqueles que contribuem para a degradação da imagem que se deseja criar, sem direito a negociações. E a cultura, utilizada como instrumento de revalorização simbólica, aparece neste processo com funções de harmonização e integração social, eliminando do seu horizonte especificamente o conflito, a desarmonia e a segmentação” (Kara José, 2007: 257).

Para Muños (2004: 27), estes processos de intervenção induzem à “urbanização” do território, já que inferem o “triunfo absoluto do comum” por contraposição à minimização da presença da complexidade e das diferenças. O que, de outra perspectiva, permite introduzir ainda a ideia de que o recurso à *cultura* é evocativo no âmbito dos projectos de renovação urbana incrementados pela ideia de cidade plural, multicultural e/ou intercultural. E que, para Albet i Mas (2004: 23), ao tomar o exemplo de Barcelona, reflecte “a aparente aposta numa cidade multicultural que não deixa de



ser senão uma imagem funcional para evitar o conflito e banalizar as diferenças”.

Como há já algum tempo referiu Arantes (1996: 240), o que parece verificar-se é que “a ideologia do Plano” vem sendo substituída “por outra não menos integrada – a ideologia da diversidade –, em que os conflitos são maquiados por uma espécie de estetização do heterogéneo”.

3. ‘Todas’ as ‘culturas’ vão dar na Mouraria

A par dos princípios, programas e lógicas de intervenção local se terem alterado ao longo dos anos, é de notar a influência de pessoas com culturas de ‘além-mar’ na reconstrução social da realidade simbólica do bairro da Mouraria que, assim, passa a ser emblematizado enquanto ponto nevrálgico de uma cidade que se diz ‘multicultural’; a par de manter-se a sua emblematização enquanto contexto tradicional. Na verdade, o processo de reabilitação urbana que incide sobre o bairro e visa revitalizar o seu património histórico, cultural e urbano, também contribui para a reconstrução social e simbólica da sua imagem urbana a partir da valorização simbólica do período medieval. E, no afã das recuperações e revitalizações, verifica-se uma criação que permitirá relacionar a invenção do património histórico com a invenção da tradição, sendo que as imagens que irão sustentar tais alegorias se reportam às práticas antigas e à tradicional multietnicidade local.

Com o emblema de lugar onde pairam ‘todos’ culturalmente diversos, a imagem de bairro mal afamado é substituída por imagens de maior centralidade e atractividade, parecendo atrair jovens moradores e *flâneurs* (potenciais *gentrifiers*?).

Todavia, o bairro persiste como contexto de uma intervenção urbana que visa inverter a situação de degradação física, precariedade social e de insegurança urbana, destacando-se o recente plano de intervenção camarária denominado “Programa de Acção Mouraria”, apresentado no site da Câmara Municipal de Lisboa (CML) do seguinte modo:

“Face a um quadro de problemas sócio-urbanísticos geradores de exclusão identificados no bairro da Mouraria, sendo os mais evidentes a degradação do edificado e do espaço público, o envelhecimento da população, as carências económicas das famílias e a prática de comércio ilícitos, foi desenvolvido o Programa de Acção (PA) Mouraria: as cidades dentro da cidade, constituído por um conjunto de operações com vista ao reforço dos aspectos positivos do



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

XI Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais - CONLAB
Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de Agosto de 2011 / Universidade Federal da Bahia (UFBA)

bairro, de que são exemplo o património material e imaterial, a actividade económica, a vitalidade populacional e a multiculturalidade”.

A “intervenção de maior visibilidade e indutora de novos comportamentos” será, no âmbito deste Programa, “a requalificação do espaço público” (in site da CML). Ao que, espera-se que tal requalificação viabilize “a divulgação da Mouraria nas rotas turísticas (...) com a criação de um Percurso Turístico-Cultural”. No seguimento destas preocupações de intervenção, determinados edifícios foram “identificados como estruturas identitárias”. Um deles é o “Quarteirão dos Lagares” e que se “tornará o pólo de inserção de actividades económicas, através da instalação do Centro de Inovação da Mouraria”. Um outro edifício refere-se a “Casa da Severa”, onde será instalado o “Sítio do Fado (...), a instalar na casa onde terá vivido a fadista Severa, e que funcionará como um café com actividades ligadas ao fado”. Será ainda reabilitada a Igreja de São Lourenço, como vários outros edifícios serão intervencionados de modo a que neles se instalem “residências universitárias” (in site da CML).

De entre as outras acções programadas, destaca-se a da “dimensão identitária e de integração”, entretanto protagonizada pela “acção Corredor Intercultural” e que “pretende funcionar como uma caixa de ressonância de valorização transversal da interculturalidade”, através de acções como: o festival multicultural “Há Mundos na Mouraria”, a promoção da gastronomia árabe e galega e da que “resulta da miscigenação étnica e cultural” e ainda acções de “carácter cultural e de transmissão de conhecimento”, no sentido de aproximar a “população habitualmente considerada inculta a formas de expressão incluídas no que habitualmente se designa por cultura” (in site da CML).

Numa outra perspectiva, a Câmara Municipal em conjunto com várias outros organismos e associações socioculturais promoveu a 2ª Edição do “Festival Todos” que, realizado “para esta maravilhosa ‘ilha’ obscura que resiste no interior de Lisboa (in site Todos – Caminhada de Culturas), desenvolve-se a partir de “seis formas de correr o mundo sem sair de Lisboa”, designadamente: circo, teatro, música, gastronomia, dança e fotografia (in site Timeout); onde, entre outros aspectos, vislumbra-se o carácter



internacional da Mouraria através de um festival “(...) de dimensão internacional desenhado à medida do bairro, que propõe ao longo de 4 dias um contacto forte e íntimo com as culturas que habitam esta zona da cidade (...)” (in site Timeout); sendo ainda possível “(...) que se viaje pelo mundo sem sair de Lisboa. Só há um lugar assim nesta cidade (...)” (in site RTP Notícias).

Tomando o ideário do ‘Festival Todos’ como metáfora guia desta reflexão, colocam-se as seguintes questões: entre os que vêm ao bairro para ver a diversidade, aqueles que nele vivem e trabalham, e os que decidem vir para ali viver (em busca de ‘capital cultural’?), estará a Mouraria a viver a génese de um processo de enobrecimento via apropriação simbólica da diversidade cultural? Mas em que medida a espectacularização da diversidade cultural encobre a tríade diversidades-diferenças-desigualdades? Quais deveriam ser os públicos-alvo de um processo de intervenção urbana? Qual o papel das dinâmicas de reabilitação urbana na invenção de uma apropriação simbólica dos espaços ‘mal afamados’ da cidade?

4. (Con)tradições da Mouraria ‘cultural’

“Lisboa plebeia, quer se revista de resignação, quer se tome de revolta, tem sempre uma coisa boa na desgraça das suas Mourarias ...” (Araújo, 1931)

“Isto da vida é como as ruas da Mouraria, que todas são torcidas e todas vão dar ao mesmo sítio” (Araújo, 1931)

“Mouraria rima com chungaria” (trabalhador no Centro Comercial da Mouraria, 1997)

“O bairro enche o olho, visto de fora, mas é desolador olhado por dentro” é a frase que abre um artigo sobre a Mouraria que pretendia ser um retrato das contrariedades locais, sendo que ao longo deste mesmo artigo ainda lê-se:

“Percorrer os becos e travessas, deambular pelas ruelas e escadinhas da encosta que liga a Baixa ao castelo é sempre uma experiência contraditória. De um lado, o gozo dos olhos, a imagem do conjunto, uma espécie de vista aérea, distante embora próxima, o espírito do lugar, o peso do séculos e a paisagem humana – de novo e cada vez mais mestiçada por tons de chocolate e línguas bárbaras. Do outro, a descida à terra, os grandes planos deprimentes, a precariedade dos edifícios e as



XI Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais - CONLAB
Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de Agosto de 2011 / Universidade Federal da Bahia (UFBA)

condições de habitação lastimáveis – a herança das vielas sombrias e insalubres (...). (Público, 02.04.2001)

Na verdade, os tantos hiatos liminares que preenchem a Mouraria, as suas manchas coloridas e os seus compassos socioculturais, são importantes contributos para a consideração de que o quotidiano local é rico em práticas e acontecimentos que fazem menção a uma certa marginalidade e informalidade, pobreza, tipicidade e tradições, como à presença de diferentes etnias e, enfim, patrimónios. Por certo na Mouraria coexistem distintas ‘Mourarias’, provavelmente distintas ‘culturas’. Mas, afinal de que se fala quando se diz ‘cultura’?

A partir de três situações, apresento algumas aproximações com a actualidade da Mouraria.

a) ‘Cultura’ para quem não tem ‘cultura’ ...

Certo dia, após uma apresentação sobre “*As Mourarias da Mouraria*” (Menezes, 2008), uma jovem mulher que trabalhava em projectos associativos de desenvolvimento sociocultural local, concordando com a ideia de que no bairro coexistem – de forma pacífica ou em conflito, justaposta ou articulada – várias ‘Mourarias’, considerou que os moradores mais tradicionais constituíam-se como um dos mais difíceis para se trabalhar. A referida pessoa passou, então, a citar uma experiência que teve com jovens e crianças – filhas ou netas desses moradores –, onde verificou que era muito difícil “melhorar o gosto musical” dos mesmos, já que somente queriam ouvir “música pimba”.

Desde esse dia, tenho vindo a perguntar-me vezes seguidas sobre os impactes de uma intervenção socio-local que, ao invés de conhecer os meandros locais através dos quais as práticas, memórias e visões de mundo adquiriam significado – para assim desenhar um programa de intervenção –, antes pressupõe-se como capaz de dotar com ‘cultura’ quem dela parecia ser desprovido.

b) Mais ‘cultura’ para quem já tem ‘cultura’ ...

Certas dinâmicas de recomposição social intersectam-se com o processo de reabilitação urbana, desencadeado desde meados de 1980. Em certos locais do bairro, sobretudo nas



ruas que margeiam o seu núcleo⁴ e mais próxima da zona do Castelo de São Jorge, verifica-se a instalação de indivíduos e famílias, em fogos reabilitadas. A princípio, esses indivíduos são relativamente jovens, com mais escolaridade e recursos económicos que boa parte da população do bairro, podendo ser considerados como ligados ao fenómeno de reapropriação dos núcleos históricos urbanos e que usualmente vem sendo designado como processo de *gentrificação*. Com a vinda desses novos moradores o bairro vai sendo re-habitado, já que segundo um morador:

“(...) o bairro não fica sem ninguém, porque os filhos da Mouraria já poucos cá estão, porque vêm é as pessoas de fora. Porque, por exemplo, no meio teatral em que eu trabalhei, aqueles artistas todos têm a mania de ter casas em bairros históricos (...), adoram esses bairros (...), mas nós que vivemos cá estamos a ficar descaracterizados, porque vêm estranhos. O bairro não está deserto, mas as pessoas que cá vivem são estranhas aos filhos daqueles que nasceram cá no bairro. Se a gente for à procura dos filhos que nasceram aqui no bairro, já são poucos” (in Menezes, 2004).

O péssimo estado de conservação dos fogos é um dos motivos de saída dos jovens filhos de gente do bairro, e uma vez devolutos, dificilmente são reocupados sem antes terem obras de melhoramento. Mas, alguns dos poucos fogos/edifícios reabilitados encontram-se em situação expectante, pois alguns senhorios aspiram negócios que lhes sejam mais vantajosos. E, após a realização de obras em fogos anteriormente em situação expectante, as rendas tendem a subir consideravelmente o que, muitas vezes, dificulta a sua ocupação pelos habitantes locais. As dificuldades financeiras condicionam o local de moradia dos jovens do bairro e, muitos dos que ali continuam, vivem junto com os pais ou avós, mesmo após terem constituído família. No entanto, o que mais se observa é a saída dos jovens e recém casados, indo normalmente residir em novas urbanizações, localmente consideradas como “mais modernas”, sendo essas muitas vezes localizadas na periferia de Lisboa.

Branco, em 1992, já havia assinalado a relação entre o processo de reabilitação urbana na Mouraria e o fenómeno de *gentrificação*, dando-nos conta da existência de uma maior procura habitacional por estratos jovens da população, licenciados e com

⁴ Porque ruas mais largas, de mais fácil acesso, com edifícios de maior porte e de melhor qualidade, usufruindo de vista sobre a cidade e o rio, ao contrário do núcleo central do bairro com habitações populares, insalubres e com pouca iluminação e ventilação natural e sem vista para a cidade.



XI Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais - CONLAB
Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de Agosto de 2011 / Universidade Federal da Bahia (UFBA)

profissões liberais na parte alta do bairro. À data, a autora já havia notado a tendência para instalação de estrangeiros nessas ruas, observando que de entre nove dos seus entrevistados, um deles era brasileiro e outro francês, sendo que no edifício onde vivia o francês, viviam outros de mesma nacionalidade e ainda italianos e alemães, e no prédio onde vivia o brasileiro havia fogos ocupados por outros indivíduos de igual nacionalidade. A autora, também observou que a procura das zonas históricas da cidade por parte de indivíduos com características sociais e económicas diferenciadas dos segmentos populares da população era, muitas vezes, movida por uma associação entre a centralidade das zonas e/ou bairros históricos e a própria especificidade dos contextos, aliando-se a esses atributos valores como a vista sobre a cidade e a acumulação de capital cultural.

No que respeita a relação dos novos moradores – analisados sob a óptica do processo de *gentrificação* – com o bairro, Branco (1992) já havia salientado que para estes moradores a casa é o centro de tudo, funcionando como uma espécie de símbolo do estilo de vida, sendo também um local privilegiado para o convívio social com parentes e amigos. A autora ainda observou que os moradores que entrevistou, apesar de se referirem à importância da ‘vida de bairro’ na escolha dos seus locais de residência, não participavam, contudo, dessa vida. Pois, durante a semana encontram-se mobilizados pelas suas actividades profissionais e aos fins-de-semana ficam em casa ou saem do bairro.

Contudo, face a desertificação da cidade de Lisboa, onde as freguesias por onde se espalha a irregular mancha da Mouraria, destacam-se entre aquelas que mais perderam população no período de 1991-2001⁵. E, ainda que passados 10 anos desde os últimos Censos, não parece ser correcto afirmar que a gentrificação se tenha intensificado.

Mas, embora algumas outras casas tenham sido reabilitadas, verifica-se que muitas se

⁵ “Lisboa é o concelho que evidencia maior desertificação. A variação da população recenseada entre 2001 e 1991 foi negativa entre 49 das 53 freguesias. As freguesias que perderam mais população foram: Sé (- 39,8%); Santa Justa (- 39,2%); Socorro (- 37,9%); Santo Estêvão (- 35,9%); São Cristóvão e São Lourenço (- 34%); São Miguel (- 32%); Santiago (- 30,1%) e Madalena (- 27,8%). Lisboa vive um processo de desertificação e o envelhecimento da população. Tem a população mais envelhecida da AML 23,6% dos residentes tem mais de 64 anos, Alvalade apresenta o número mais elevado 35,3%” (Xerez, 2008).



encontram em acelerado estado de degradação. Contudo, algumas das casas rehabilitadas vão sendo, pouco a pouco, ocupadas por novos moradores. Mas, face à faceta comercial e étnica local, muitas dessas casas rehabilitadas são alugadas por imigrantes, potenciais trabalhadores no comércio local de revenda, entre outras actividades e locais de trabalho. Poderão esses novos moradores e trabalhadores locais que tanto contribuem para a invenção de uma ‘estética da diversidade’, representar um novo estilo de gentrificação⁶? E, os tantos interessados em conhecer a diversidade da Mouraria, nomeadamente quando ali se realizam eventos culturais com alguma expressividade, poderão ser uma espécie de *gentrifiers - flâneurs, gentrifiers - efêmeros*?

Repare-se, entretanto, como que uma das associações mais actuautes naquela realidade urbana se apresenta do seguinte modo:

“A Associação Renovar a Mouraria é um exemplo perfeito do casamento entre o tecido associativo local e a rentabilização do fenómeno de gentrificação. Moradores novos e históricos uniram esforços para devolver ao bairro um cariz de atractividade assente nas suas características e atributos próprios. O projecto é de tal forma interessante que a Associação rapidamente se tornou um parceiro estratégico da CML na aplicação sociocultural das verbas financiadas ao abrigo do QREN.” (in site Viver Lisboa)

c) Festa e festa popular: as duas faces de uma mesma festa ...

Com o Verão, Lisboa é acometida por um conjunto de festividades populares que são protagonizados pelos seus bairros populares e tradicionais. A Mouraria não foge a regra. A força simbólica destas festas cíclicas contribui, entre outras formas de manifestação cultural, para a integração e a mistura entre núcleo do bairro e envolvência, nós, eles e os outros, público e privado, casa e rua, sagrado e profano, bairro e cidade. Tais festas e

⁶ O efeito de ampliação da noção de gentrificação pode ser observado na sequência do aumento de terminologias que visam explicar distintas situações: gentrificação esporádica, gentrificação marginal, gentrificação emergente, gentrificação de consumo, gentrificação institucional, gentrificação estratégica, política de gentrificação (cf. Authier e Bidou-Zachariassen, 2008). Repare-se, no entanto que aqui é pertinente o facto de que para alguns autores (p.ex. Bourdin, 2008) a gentrificação é um “conceito a desconstruir”, já que a sua operacionalidade é limitada para explicar a complexidade das dinâmicas sociais e urbanas. Já outros autores, reflectem sobre se este conceito deve ser analisado de modo associativo, dissociativo ou extensivo (cf. Authier e Bidou-Zachariassen, 2008).



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

XI Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais - CONLAB
Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de Agosto de 2011 / Universidade Federal da Bahia (UFBA)

rituais funcionam como mediadores simbólicos e institucionais, facultando aos diferentes actores sociais a possibilidade de se identificarem e distinguirem dos outros, permitindo desse modo a introdução de vínculos de sentido social, bem como a continuidade e afirmação da Mouraria como um dos bairros de Lisboa.

Estas festividades, de uma maneira ou de outra, são ainda importantes recursos culturais e de mediação para quem de algum modo está a intervir no bairro. Contudo, relativamente ao arraial da Mouraria, mais recentemente observa-se que o mesmo acontece de forma desdobrada, ou seja, em dois cenários distintos. Por exemplo, no ano passado chamou-me a atenção o facto da Associação Renovar a Mouraria realizar o seu próprio arraial e em local relativamente distante do arraial mais popular (que normalmente ocorre no núcleo do bairro ou na sua proximidade imediata). A curiosidade levou-me a festa (e que ocorrerá este ano de 2011 nos mesmos moldes) que, entretanto apresentava-se com alguns comes e bebes próprios dessas festas (bifanas, sardinhas assadas, pão, chouriço assado, vinho, sangria etc.), mas também com comidas vegetarianas, macrobióticas e frutas. A maioria dos clientes do arraial renovado era relativamente jovem, constituída por gente que na sua maioria não reside na Mouraria, e que de algum modo apresentava-se com um visual descontraído. A ambiência era tranquila e aludia a uma certa ‘alternativa’ cultural. O forte da festa era, assim como o arraial popular que se desenvolvia em paralelo, marcado pela música ao vivo. Mas, no arraial renovado, a música veiculada era mais próxima de um estilo *world music*, ao contrário do arraial popular onde sobretudo a música era ‘pimba’ e portuguesa (com alguns momentos de música brasileira).

5. Considerações finais

As questões aqui levantadas devem ser tomadas como pretexto de reflexão sobre algumas dinâmicas que actualmente sucedem em Lisboa, nomeadamente na Mouraria. Ao explorar determinados significados das práticas e políticas de intervenção convém, contudo, não tornar os conceitos como verdades absolutas da realidade lisboeta, nem tão pouco do bairro, já que tais conceitos aqui sobretudo funcionaram como balizas de



reflexão com o intuito de desconstruir a ideia de que a integração da complexidade num único ‘todo’ cultural deve ser olhada com algum cuidado. Como salienta Palamin no prefácio feito ao livro de Kara José (2007), as ‘intervenções urbano-culturais’ “implicam consideráveis recursos financeiros e transformações físicas na paisagem urbana – sobretudo em sua dimensão arquitectónica –, chanceladas em nome de um ‘bem para todos’, como é divulgada a noção de cultura” (Palamin, 2007: 13).

A proposta de reabilitação para a Mouraria é um importante contributo para a promoção da inclusão social. No entanto, há-de considerar-se que este processo já tem alguma história: iniciou-se em meados de 1980. Daí que, quem sabe, poderia ter interesse avaliar os resultados das políticas até então implementadas para melhor programar-se o que fazer no presente da intervenção, assim se poderia evitar um cíclico (re)início de dinâmicas de intervenção que, entretanto, desenvolvem-se como se nada tivesse sido feito antes.

A importância com que as dissemelhanças se manifestam em muitas das cidades contemporâneas é recorrente na actualidade da reflexão sobre a complexidade da questão urbana. Globalização, metropolização e (i)migração parecem, entre outros aspectos, ser fenómenos usuais na explicitação de tais dissemelhanças. Paradoxalmente, algumas dessas cidades têm também sido consideradas a partir da redução da sua significação colectiva. Essa redução resultaria na propensão para a afirmação de espaços arquitectónicos homogéneos e standardizados. O paradoxo em causa poderia ser, eventualmente, simplificado pelos pares homogeneidade/heterogeneidade, redução/complexificação, igualdade/diversidade do espaço urbano contemporâneo. O que, de um ponto de vista sociocultural, parece querer fazer crer na aparente separação entre organização social e organização física do espaço. Na verdade, o que o ‘aparente paradoxo’ faz transparecer é a necessidade de (re)problematizar a forma e os modos como são abordadas as espacialidades urbanas. E, não menos importante será dizer: complexificar as formas e os modos como a “diversidade necessita de abordar a diferença e a desigualdade” (Reeves, 2005).

As imagens produzidas sobre o bairro não são consensuais e, às vezes, até parecem antagónicas, podendo dar a ideia de ruptura. A meu ver, um dos aspectos mais problemáticos repercute-se na invenção da tradição multicultural e multiétnica, como se



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)Igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

XI Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais - CONLAB
Diversidades e (Des)Igualdades
Salvador, 07 a 10 de Agosto de 2011 / Universidade Federal da Bahia (UFBA)

através dessa imagem fossem resolvidas as contradições de um bairro duplamente atravessado por processos de emblematização e estigmatização. Não que em si haja problema com a invenção de tradições, até porque a realidade social e urbana do bairro é constituída por diferentes e múltiplas etnias (Menezes, 2004). Como referiu Fantin (2000: 144), julgo que “quando se pensa ‘criar tradições’, não basta ter e executar uma ideia. É preciso mais que isso.” Já que uma tradição inventada, “precisa não só ter uma certa ‘cara’ mas ser capaz de produzir motivações e emoções sintonizadas com os desejos de um certo colectivo. Isso significa dizer que há algo além (...)” da multiculturalidade.

Parece-me ainda que é importante considerar que, a par da positivação em torno da imagem do ‘outro’ e do próprio processo que reproduz a imagem da tradição popular, não se deve esquecer que ambas imagens são atravessadas por lógicas de exclusão, segregação e estigmatização.

Um dos aspectos que mais chama a atenção nas tantas e múltiplas imagens que são evocadas para retratar a Mouraria, não é propriamente o facto de estas quererem positivar a imagem do ‘outro’, mas sim a amplificação de um efeito de ‘localização’ de determinadas dinâmicas, eventos, equipamentos, serviços, etc. Afinal, se a cidade é plural e colorida, multicultural e solidária, porque ‘Todos’ na Mouraria?

Como referiu Cooper (1998), a espacialização do poder não implica necessariamente a exclusão dos indivíduos dos espaços públicos, podendo antes desenvolver-se através do zonamento de certas áreas urbanas. Isto é, indivíduos e práticas passam a estar associados a um determinado espaço, transformando a identidade cultural numa identidade territorial que, entretanto, pode vir a ser marginalizada. Nesse sentido, os símbolos políticos tomam a forma de sinais ao servir como elementos de referenciação para a identificação de áreas urbanas, como por exemplo, assinalar que um determinado segmento do espaço urbano é multicultural ou plural. A autora, ainda observa que uma das estratégias de espacialização do poder inclui a mudança ou a introdução de novos ícones para a celebração de sinais pluralistas ou progressistas. Como também



considerou Cooper, a instituição de tais estratégias viabilizam a transformação da identidade cultural do espaço, não somente porque passa a incluir grupos e indivíduos socialmente marginalizados, mas também porque reflecte as aspirações de uma sociedade mais ampla.

Embora as intervenções urbanas procurem actuar sobre o lado obscuro subjacente à ambiguidade dos espaços intersticiais é, contudo, pertinente considerar que sendo a ambiguidade e a intersticialidade condições intrínsecas à nossa contemporaneidade, talvez fosse importante levar também em conta as potencialidades inerentes a tais condições (Menezes, 2004). E, nesse sentido, a inversão da situação do bairro como espaço segregado e estigmatizado, poderia passar por admitir que a Mouraria é um dos espelhos do espaço urbano contemporâneo, uma mancha onde coexistem distintas ‘Mourarias’.

6. Bibliografia

ARANTES, Otilia. “Cultura da Cidade: Animação sem Frase”; in **Revista do Património Histórico e Artístico Nacional**, n.º 24, IPHAN/Ministério da Cultura: Brasília, 1996, pp. 229-240.

ARAÚJO, Norberto. **Peregrinações em Lisboa**; 3º vol.; Lisboa, [1931] 1991.

ARAÚJO, Norberto. **Fado da Mouraria**; Livraria Popular de Francisco Franco, Lisboa, [1931] 1991.

AUTHIER, Jean-Yves; BIDOU-ZACHARIASEN, Catherine. “Éditorial: La question de la gentrification urbaine”; in **Espace et Société**, n.º 132-133, 2008, pp. 13-21.

BOURDIN, Alain . “*Gentrification*: um ‘concept’ à déconstruire”; in **Espace et Société**, n.º 132-133, 2008, pp. 23-37.

BRANCO, Inês. **O Fenómeno ‘Gentrification’ na Cidade de Lisboa – O Caso do Bairro da Mouraria**. Dissertação (Licenciatura em Sociologia); Lisboa, ISCTE, 1992

COOPER, Davina. “Regard between strangers: diversity, equality and the reconstruction of public space”; in **Critical Social Policy**; Vol. 1814, London, 1998, pp. 465-492.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)Igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

XI Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais - CONLAB
Diversidades e (Des)Igualdades
Salvador, 07 a 10 de Agosto de 2011 / Universidade Federal da Bahia (UFBA)

CORDEIRO, Graça Índias. **Um Bairro no Coração da Cidade – Um Estudo Antropológico sobre a Construção Social de um Bairro Típico de Lisboa.** Dissertação (Doutorado em Antropologia), ISCTE: Lisboa, 1995.

COSTA, A. Firmino da, RIBEIRO, Manuel João. “A construção social de um objecto de reabilitação”; in **Sociedade e Território**; n.ºs 10-11, 1989, pp. 85-95.

FANTIN, Márcia. **Cidade Dividida – Dilemas e Disputas Simbólicas em Florianópolis**; Editora Cidade Futura: Florianópolis, 2000.

KARA JOSÉ, Beatriz . **Políticas culturais e negócios Urbanos. A Instrumentalização da Cultura na Revitalização do Centro de São Paulo – 1975-2000.** São Paulo: Annablume Editora, 2007.

LACARRIEU, Monica; CARMAN, Maria; GIROLA, Florencia. “Procesos de transformación urbana en lugares centrales y periféricos del área metropolitana de Buenos Aires: ganó el urbanismo escenográfico?”; in FRUGÓLI Jr., Heitor; ANDRADE, T. **A cidade e seus Agentes: Práticas e Representações.** Belo Horizonte / São Paulo: PUC Minas, 2006, pp. 98-127.

MAS, Abel Albet. “La cultura en las Estratégias de Transformación Social Urbanística de las Ciudades. Barcelona, del Modelo al Espectáculo”; in **Cidades, Comunidades e Territórios**, n. 9, Lisboa, CET, ISCTE, 2004, pp. 15-25.

MENEZES, Marluci. **Mouraria, Retalhos de um Imaginário: significados urbanos de um bairro de Lisboa**, Oeiras, Celta Editora, 2004.

MENEZES, Marluci. “As *Mourarias* da Mouraria”, comunicação apresentada nas Jornadas Europeias do Património, *power point* – 14 slides, 2008.

MUÑOS, Francesc. “UrBANALización – En el Zoco Global de las Imágenes Urbanas; in **Cidades, Comunidades e Territórios**, n. 9, CET / ISCTE: Lisboa, 2004, pp. 27-38.

PALAMIN, Vera. “Prefácio”; in Kara José, Beatriz. **Políticas Culturais e Negócios Urbanos. A Instrumentalização da Cultura na Revitalização do Centro de São**



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

Paulo – 1975-2000. Annablume Editora: São Paulo, 2007, pp. 13-18.

REEVES, Dory. **Planning for Diversity - Policy and Planning in a World of Difference**. London: Routledge, 2005.

VAZ, Lilian Fessler. “A *culturalização* do planejamento e da cidade – novos modelos?”; **Territórios Urbanos e Políticas Culturais**, Cadernos PPG-AU/FAUNA, número especial, Universidade Federal da Bahia: Salvador, 2004, pp. 31-42.

XEREZ, Romana. “Dinâmicas do Território: Centralidades e Gertrificação na Área Metropolitana de Lisboa”; in **Actas do VI Congresso Português de Sociologia**, APS: Lisboa, 2008.

Sites consultados

CML – Câmara Municipal de Lisboa. Disponível em: < <http://www.cm-lisboa.pt/?idc=661> > . Acesso em: 15 Março de 2011.

Blog – Todos. Caminhada de Culturas. Disponível em: <<http://todoscaminhadedeculturas.blogspot.com/> > . Acesso em: 15 Março de 2011.

Timeout. Disponível em: < http://timeout.sapo.pt/news.asp?id_news=5964 >. Acesso em: 10 de Maio de 2011.

RTP – Notícias. Disponível em: <<http://www.rtp.pt/noticias/?t=Martim-Moniz-e-palco-do-Festival-Todos.rtp&headline=20&visual=9&article=376435&tm=4>> . Acesso em: 10 de Maio de 2011.

Viver Lisboa: <<http://www.viverlisboa.org/?p=6912>> . Acesso em: 15 de Março de 2011.